



ções de posse e exploração das minas e a questão dos salários...

Pelas informações que constantemente recebemos, vê-se que hoje essa regulação das condições dos salários está na ordem directa do amordilhamento daquelas jornais que discutem, conjuntamente elevadamente, as questões económicas e sociais emergentes da sociedade capitalista, dos dólares, das libras, das liras...

Para se evitar que se trate convenientemente das causas que originaram a chamada «doença dos milionários», a neurastenia e a loucura que os atormentam para se impedir que os espíritos desejosos pela transformação humana das sociedades, não falem na doida espontaneidade dos caprichosos desperdícios de máximas cheias de dinheiro enquanto há um proletariado que ainda lhe falta muito para atingir a sua verdadeira felicidade na terra livre da exploração dos fenomenais trusts—as cadeias enchem-se, como na Europa, dum infinito de presos nacionais e estrangeiros...

No Brasil a religião católica, apostólica e romana não exerce, nouros tempos, a sua reconhecida influência nefasta. Hoje, a papalina padronizada está a infiltrar-se favorecendo em todas as manifestações do Estado federal americano, tornando mais draconianas, mais inquisitoriais, as autoridades judiciais e políticas das terras de Monroe.

E mercê dessa infiltração desgraçada das roupas do isolismo romano, que está cada vez mais sobrepunente sobre as outras religiões para as quais os Estados Unidos de América reservava todas as preferências, que os camaradas Antônio Alves Pereira, Diamantino Teixeira e Antônio da Costa estão condenados, pelo Secretário do Trabalho, a ser deportados por, sendo editores do jornal de propaganda *A Luta*, de Fall River, publicarem, distribuiram e circularem doutrinas contra o governo organizador...

Por defendermos doutrinas de renovação social, é que pretendem também assassinar a «caixa eléctrica» as vítimas da reacção yankee—Sacco e Vanzetti.

Eis a liberdade de pensamento prevalecente na livre América. E para que os teóricos das novas doutrinas de Amor e Perfeições humanas melhor possam ser colhidos nas malhas traçadoras dos códigos inquisitoriais do Novo Mundo, inventam-se falsidades sem nome—porque tem sido assim que, na América, se tem molhado uma inilimitada maré de martires ao Deus-Moloch dos milionários, dos reis da Wall Street, que tentam «conquistar» a Europa desta «fim-dar», com os seus sucessores, os «florestassim» Estados Unidos da América do Norte saída de um vasto deserto onde erravam tribus selvagens de imigrantes dispersos no imenso promontório...

Aqueles operários portugueses de *A Luta*, jornal de horizontes sociais, modernos, apelaram, por intermédio da Internacional Labor Defense, para o tribunal supremo da Atenas Americana, Boston, recorrendo para Washington se ali nada se conseguir.

Como, porém, já são uma porção de tentativas de perseguição feitas por inspiração dos jesuítas católicos, é natural que dessa vez os fados intolerantes, despóticos, se cumpram com todo o rigor da tirânica democracia *fall-riveriana*...

Eis a mentalidade yankee do país dos dólares: sendo constituída pelos descendentes dos «adventureros» europeus, não podia deixar de estar envada de idênticos tacanhorismos do Velho Mundo...

Clemente V. dos SANTOS

### O que a propriedade privada causa

Augusto Reis Nunes, de 63 anos, serraneiro, residente em Camarate, de onde é natural, traz de renda uma propriedade naquela localidade, onde ontém à tarde, um pastor de nome José Teodoro da Silva, entrou, sem seu consentimento, a apascentar um rebanho de gado caprino.

Repreendido pelo Augusto, o pastor recitou, havendo entre ambos trocas de palavras azedas e acabando o Augusto por ter sido agredido à paulada e ficar com dois grandes ferimentos na cabeça e contuso nas costas. Reclamado para Lisboa os socorros da Cruz Vermelha, compareceu ali imediatamente um automóvel, no qual o ferido foi transportado ao Hospital de S. José, em cujo Banco foi observado pelo cirurgião de serviço, dr. José Paredes, recolhendo a casa, depois de devidamente pensado.

### INCENDIO

Pelas 19,30 horas, declarou-se incêndio no sótão do 1º andar do prédio n.º 2, Béco do Forno do Sol, à Graça, residência de Isabel Maria Jesus Fernandes e família.

O fogo teve começo em roupa duma guarda-fato comunicando ao madeiramento do telhado que ardeu em parte.

Compareceu material e pessoal dos quartéis 4 e 5 municipais e voluntários da Ajuda, sendo aplicadas na extinção do incêndio duas agulheiras.

A propriedade pertence a Gipriano Trindade e teve alguns prejuízos.

### Crónica do roubo

Um antigo oficial do exército pratica uma série de burlas e foge

Há muitos meses que na polícia de investigação eram recebidas constantes queixas contra um indivíduo que, dizendo-se oficial de exército, cometia várias burlas, restando dinheiros para livrar rapazes do serviço militar, arranjando emprego, mudança de situação de diferentes funcionários, etc. A polícia andava intrigada com o caso, porque veio a saber que, tendo o burlão o apelido de Fonseca, dava aos clientes, as moradas de oficiais que têm o mesmo apelido. O referido indivíduo foi de facto oficial, onde ascendeu ao posto de capitão, mas em 1923 foi demitido do exército por crime de burla. Durante a «Tráilitania», serviu no Porto como major. A última queixa apresentada na polícia foi a do guarda 1005, a quem o burlão apanhou 400 escudos para o transferir para a exploração do Porto de Lisboa, nada conseguindo, porém. Também uma mulher, a quem ele prometeu livrar o filho do serviço militar, tendo já dado 800 escudos, foi reclamá-lo, sendo agraciada pelo referido indivíduo. A polícia procura-o activamente.

### ‘A Batalha’

é o único jornal que vigia atentamente as poucas regalias que usufrui o povo trabalhador. Vivendo para o povo ela é bem digna do seu carinho para que não sossobre

LER E ASSINAR  
“Os Mistérios do Povo”

### AGREMIAÇÕES VARIAS

Grupo Excursionista «Os Tunas». Reúne hoje, pelas 21 horas, em assemblea geral, para tratar do próximo passeio.

### RECORTE...

### O SINDICATO

Por FÉLICEN CHALLAYE

Síntese do Socialismo revolucionário e do Anarquismo comunista, o Sindicalismo acrescenta às ideias de luta de classes e de oposição ao Estado uma terceira tese essencial: a afirmação do valor eminente do Sindicato.

Só a ação sindicalista, ao mesmo tempo reformista e revolucionária, permitirá a libertação dos trabalhadores, com o seu carácter de necessária e suficiente. Eis a originalidade da nova doutrina.

Que é o Sindicato? a que homens dirigem o seu apelo? que instituições organiza, que fins prossegue, e porque meios? O Sindicato é uma associação de trabalhadores unidos pelo laço corporativo; é o agrupamento dos produtores de um mesmo ofício ou de uma mesma indústria. O capitalismo, aproximando os operários nas manufaturas e oficinas, prepara e facilita a união dos trabalhadores. O Sindicato é o resultado necessário da evolução histórica e tem a sua razão de ser no mecanismo da produção. Agrupando interesses idênticos, participa da vitalidade e, por assim dizer, da solidão dos instintos. Todas as outras associações agrupam sólamente opiniões análogas, desagregando-se desde que variem as impressões tão voláteis dos espíritos.

O Sindicato dirige-se a todos os trabalhadores da indústria, do comércio, da agricultura, aos assalariados das empresas particulares e assalariados do Estado e a todos aqueles que não se resignam à miséria e querem pôr termo à exploração do homem pelo homem. As suas portas franqueiam-se a todos os «explorados» quaisquer que sejam as opiniões políticas ou religiosas. É uma união de liberdades realizando o «livre entendimento» das vontades e «o acordo» para a luta. Enquanto que no Estado burguês, onde os interesses são idênticos, a liberdade de cada um amplia-se a contacto da liberdade de outrem.

O Sindicato, associação de produtores, apenas rejeita os não produtores, os parasitas. Os burgueses, os interesses burgueses penetram mesmo nos partidos políticos que se intitulam operários; a organização sindical, agregando sómente os trabalhadores, elimina automaticamente os ociosos da classe hostil. Assim é ele o único agrupamento capaz de praticar a luta de classes com a sinceridade inegualável e uma audácia irresistível.

De facto o Sindicato não agrupa ordinariamente senão uma minoria de adiacionados. Os militantes, para entrarem em ação, não estão à espera que a unanimidade ou a maioria dos camaradas da corporação se converta às suas ideias, nem se prendem com o sofrimento democrático da igualdade de todos os homens, abstendo-se assim de aplicar no domínio económico os preceitos comuns aos políticos. «A lógica da vida arrasta-os à ação, e é com desdem que eles tratam a opinião dos «inconscientes», da massa apática e cobarde.

De facto o Sindicato não agrupa ordinariamente senão uma minoria de adiacionados. Os militantes, para entrarem em ação, não estão à espera que a unanimidade ou a maioria dos camaradas da corporação se converta às suas ideias, nem se prendem com o sofrimento democrático da igualdade de todos os homens, abstendo-se assim de aplicar no domínio económico os preceitos comuns aos políticos. «A lógica da vida arrasta-os à ação, e é com desdem que eles tratam a opinião dos «inconscientes», da massa apática e cobarde.

No capítulo XXIII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

Sabe-se, pela própria Bíblia, que Abrão era um emigrado da Caldeia. De lá terão ele e os seus trazido a crença nos Eloim, pois que os caldeus acreditavam que a criação fora obra dos deuses inferiores, os anjos.

Nada constitui tanto isto a preocupação mais evidente de quem redigiu os primeiros livros da Bíblia?

Vejamos mais: a palavra Adonai (Senhor Supremo), empregada a cada passo no Antigo Testamento, provém do fenício Adon (meu Senhor), que se encontra nas estatutas de Salomão, materiais ou espirituais; dar um resumo cronológico dos grandes períodos do tempo; dar um resumo genealogico das famílias que reinaram no país; e a história de alguns grandes personagens em particular.

Não constitui tanto isto a preocupação mais evidente de quem redigiu os primeiros livros da Bíblia?

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.

No capítulo XXXII do *Deuteronomio* le-se: «As obras de Tsur são perfeitas.» Tsur está traduzido na Vulgata por criador. A sua tradução real seria, segundo Voleyne, o que dás as formas, que era como os egípcios designavam o seu deus Osíris.



# A BATALHA

A MORAL RELIGIOSA

## Uma carta em que se fala em São Francisco Xavier, no Sagrado Coração de Jesus e noutras coisas mais...

Fala-se agora muito nos frutos morais da religião e da educação feita através do catolicismo. Achamos, por isso, altamente saborosa a publicação da seguinte carta que revela bem a «perfeição moral» existente entre dois religiosos—entre dois religiosos do sexo masculino... Estamos certos de que ela fará as delícias das *Novidades*, o que quer dizer que causará aos nossos leitores uma repugnância invencível:

Queridíssimo meu Francisco Xavier:

Em primeiro lugar estimo que esta carta te encontre de perfeita saúde e não muito triste. Também estimo muitíssimo que te

nhas recebido bem a minha última carta que te escrevi, logo que eu recolhi a tua de Lisboa. Meu pobre amiguinho, tenho pensado tanto em ti, pedido tanto por ti, estes dias.

Tenho ido todos os dias à missa como de costume, quer na igreja da freguesia,

quer na do grande convento dos Beneditinos de Quar, e lá, diante de Nosso Senhor, eu tenho pedido por ti, que tensas

bom juizo, para ver as coisas com os olhos de Deus. Hoje tu fiz a missa cantada, com sermão ao Evangelho, das 11 horas, na igreja da freguesia. Foi oferecida por ti, meu Francisco. Mais tarde von a bênção

(lá o meia da tarde) e tenho comigo o teu

cabelo, para te representar diante de Nosso Senhor. Eu estimo tanto, querido meu, que tu não faltasse à missa de hoje. Hâ tantas igrejas af que é fácil de ouvir missa. Mas talvez tu estejas tão só, tão triste que nem tens coragem de ir à procura de missa.

Não, meu Francisco, é justamente quando estamos assim que devemos correr para Deus, para a Missa, que é o grande Sacrifício da morte de Jesus no Calvário, repre-

tido outra vez por nosso bom, pelo nosso

padroeiro, meu Francisco, então eu entregar-te-ei o Diploma. Tens que assiná-lo com o teu nome, prometendo de

amar, glorificar e consolar o Adorável

coração de N. Senhor nas fileiras da Guarda de Honra.

Caríssimo filho e irmão meu: fazes tu sempre a tua hora de guarda, das 8 às 9 da noite... Manda-me dizer tudo isto que tu me pregues, meu Francisco, pois se não me mandas contar o que estás fazendo, como é que eu posso dar-te conselhos, guiar-te e vigiar-te e ajudar-te a seres bom, bom... E rezas tu sempre de hora a hora, como eu te ensinei, meu Francisco? E visitas N. Senhor, assim como creio que fazias no Funchal?... Meu Francisco, não deixes de fazer essas coisas, porque é muito mau e perigoso abandonar os Santos costumes que temos. O teu jazigo aqui está arranjado. Quero dizer que o terreno está comprado, como sabes. Tu vês que eu não tenho esquecido de nada. Falta só uma única coisa: que tu me digas que estás contentíssimo comigo e que me amas mais do que antes e que precisas de mim agora para sempre. Tu me dirás tudo isto na tua próxima carta. Peço-te de todo o meu coração que me digas, meu Francisco Xavier, Eu recebi há pouco de um amigo meu, inglês (tenente de infantaria) um magnífico livro tratando da vida do teu grande Padreiro, São Francisco Xavier. E escrito em francês. Tu já sabes que amor eu tenho a esse Santo, tão dóce bom. Mas agora eu conheço-o melhor em amo-o mais. Ele também voltou para Deus por causa da desgraça. Quando ele era estudante em Paris, ele não pensava senão nas riquezas, nos prazeres, nas causas deste mundo. Mas morreram os seus pais que era adorável. Pior ainda: os seus inimigos mandaram destruir por completo as suas três casas solarengas, os castelos de Jassu, Aspicuta e Xavier. O Francisco ficou sem nada, mas ele tinha Santo Inácio de Loyola, também estudante nesse tempo em Paris, que rezava muito por ele e a graça de Deus triunfou e, como sabes, S. Francisco Xavier fez-se jesuíta, foi para a Índia e dedicou-se à conversão dos infíciis começando pelos Portugueses em Ócôa, que estavam em tal estado de baixaria moral, que quase não se podia dizer que fossem cristãos. E S. Francisco sempre teve o maior amor pelos mais pescadores, os mais abandonados.

E, tanto amor tinha ele ao seu amigo e pai espiritual S. Inácio, que, quando ele escrevia, era sempre de joelhos. E acaba sua carta:

Quando me escreveres, começas a tuas cartas por «Querido meu sr. Fernão» ou qualquer coisa assim, e acaba por: «Seu Francisco Xavier». Eu quero que assim faças se queres.

O teu irmão mais velho, o António Simeão, desapareceu. Quero ser teu irmão mais velho. Tu me aceitas como tal?... Dize-me; tu na tua carta tu me tens dito que eu tenho sido um pai (muito que um pai) para ti. Tu me aceitas, então, meu Francisco, como Pai e Irmão e amigo amantíssimo?... Quando me escreveres, começas a tuas cartas por «Querido meu sr. Fernão»

ou qualquer coisa assim, e acaba por: «Seu Francisco Xavier». Eu quero que assim faças se queres.

Repara numa coisa: Falando no nosso

primeiro encontro e na nossa amizade, tu me disseste: «Tinha que ser». Tu me dissesse que pedias a Nosso Senhor que conservasse a nossa amizade para sempre.

Agora ve como Nosso Senhor nos uniu outra vez. Agora nunca mais, meu Francisco, desligues esta nossa união e pede que seja eterna. Como eu sempre te dizia: por nós mesmos, e sem a ajuda de Deus, nunca podermos ser fiéis um ao outro. Compreendes?... Eu ainda não tive resposta das autoridades de Londres com respeito a tuas cartas. Mas eu tenho pensado numa outra coisa: supondo que não possas vir cá, vou ver se será possível para mim de passar o inverno contigo em Lisboa. Eu queria, mesmo, lavar aí o meu carro, o Merhig-Thuen, e, então, tu cuidarias nele. Mas, no entanto, repito o que já mais de uma vez te disse: «logo que precisas de mim, manda-me aí». Se estiveres doente manda-me chamar, que eu para Lisboa imediatamente. Tu sabes que eu cuidava em ti, Caríssimo meu, tu não tens mais ninguém e tu tenho sempre na memória as tuas palavras: «Até agora eu nunca tive nenhuma que te interessasse por mim». Para não me esquecer de ti, eu escrevi essas palavras por detrás ou dos teus retratos, meu Francisco Xavier. E mais uma vez quero que tu saibas quanta consolação me dá tu me escrevendo logo que precisares de mim. Não duvidaste de mim; sabias que para mim podias vir, e tu vieste...»

Agradecendo-te, meu Francisco, de todo o meu coração, o Merhig-Thuen (que te manda mil saudades e que chorou muito quando soube dos teus desgostos) está muito bem. Esteve uns dias em reparação, com uma caixa de esferas partida, mas já está bom outra vez. Agora, com tanta gente aqui

## Do Comité Pró-Presos por Questões Sociais aos trabalhadores de todo o país

Longe de diminuir o número dos presos sociais, é aumenta em cada dia que passa e essa circunstância é suficiente para que todos os trabalhadores contribuam com a sua cota-partes de solidariedade monetária, para atender em parte à miséria situação económica em que os presos e suas famílias se encontram.

Este Comité, que tem procurado por todos os meios ao seu alcance conseguir receita para manter os subsídios anteriormente estabelecidos, constata que a solidariedade monetária prestada pela classe trabalhadora tem diminuído nestes últimos tempos.

Não podeis, camaradas, esquecer aqueles que, por defendem uma melhor situação para todos os que trabalham, provocaram contra si o ódio dos que nos exploram e dos governantes, visto que só por esse motivo se encontram privados da liberdade e do convívio das suas famílias, de quem eram valioso amparo.

Amanhã, sábado, devem os operários abrir quetes nas fábricas, oficinas e outros locais de trabalho, contribuindo assim para que o auxílio que tem sido prestado aos presos não só continue mas, se possível for, seja aumentado.

O Comité Pró-Presos Sociais.

## LUTA DE CLASSES

### A greve dos mineiros ingleses encontra-se muito afastada de uma solução

O conflito mineiro em Inglaterra não se soluciona facilmente. Várias vezes deu a impressão de um próximo fim, mas a irrevogabilidade dos patrões inutiliza, logo, o comércio, todas as negociações. O governo parece afastado de um propósito de intervenção, tanto que Baldwin, depois de ter conferenciado com o ministro do Trabalho e outros ministros do seu governo, partiu para as termas francesas. Este facto foi interpretado como a disposição do governo a não intervir. No entanto, o Parlamento vai novamente reunir, em sessão extraordinária, a fim de prolongar por mais um mês o estado de circunstâncias especiais.

À mesma tempo, os proprietários de Midland e Leicester esforçam-se para levar os operários a retomarem o trabalho e a romperem com a Federação Mineira. Outros proprietários desenvolvem intrigas com a perversa intenção de lançar o dissídio entre os grevistas. Todos os meios empregam os patrões e os seus seguidores para convencer os mineiros de que todas as regras, menos aquela a que pertenham, aceitam as condições propostas. Procuram enganar os operários com a notícia falsa de que milhares de grevistas retomam dia a dia o trabalho nas minas.

A verdade é que os lutadores conservam-se inalteravelmente nos seus postos, decididos a não consentirem mais horas de trabalho nem salário a menos. Após 18 semanas de luta esgotada, os mineiros não estão dispostos a deixar que se diminuam as suas regras, que são o salário nacional e a jornada de sete horas. Não querem que a sua Federação seja aniquilada nos assaltos do patrício.

Os mineiros não enfraquecem na luta. O dirigente Daves, dos mineiros do sul do País de Gales, afirmou publicamente: «Os patrões têm abusado da concessão, que lhe fizemos, de consentir nas minas os operários dos serviços de segurança. Serão retidos. Melhor seria, contudo, que os trabalhadores de transportes e dos caminhos de ferro embarguem as expedições de carvão, a fim de nos assegurarmos a vitória definitiva.

Daqui convidamos esses camaradas ao cumprimento do seu dever, assim como prevenimos todos os corticeiros do país de que não devem ir ao Seixal pedir trabalho à conversão dos inícios começando pelos Portugueses em Ócôa, que estavam em tal estado de baixaria moral, que quase não se podia dizer que fossem cristãos. E S. Francisco sempre teve o maior amor pelos mais pescadores, os mais abandonados.

E, tanto amor tinha ele ao seu amigo e pai espiritual S. Inácio, que, quando ele escrevia, era sempre de joelhos. E acaba sua carta:

Quando me escreveres, começas a tuas cartas por «Querido meu sr. Fernão» ou qualquer coisa assim, e acaba por: «Seu Francisco Xavier». Eu quero que assim faças se queres.

O teu irmão mais velho, o António Simeão, desapareceu. Quero ser teu irmão mais velho. Tu me aceitas como tal?... Dize-me; tu na tua carta tu me tens dito que eu tenho sido um pai (muito que um pai) para ti. Tu me aceitas, então, meu Francisco, como Pai e Irmão e amigo amantíssimo?... Quando me escreveres, começas a tuas cartas por «Querido meu sr. Fernão»

ou qualquer coisa assim, e acaba por: «Seu Francisco Xavier». Eu quero que assim faças se queres.

Repara numa coisa: Falando no nosso

primeiro encontro e na nossa amizade, tu me disseste: «Tinha que ser». Tu me dissesse que pedias a Nosso Senhor que conservasse a nossa amizade para sempre.

Agora ve como Nosso Senhor nos uniu outra vez. Agora nunca mais, meu Francisco, desligues esta nossa união e pede que seja eterna. Como eu sempre te dizia: por nós mesmos, e sem a ajuda de Deus, nunca podermos ser fiéis um ao outro. Compreendes?... Eu ainda não tive resposta das autoridades de Londres com respeito a tuas cartas. Mas eu tenho pensado numa outra coisa: supondo que não possas vir cá, vou ver se será possível para mim de passar o inverno contigo em Lisboa. Eu queria, mesmo, lavar aí o meu carro, o Merhig-Thuen, e, então, tu cuidarias nele. Mas, no entanto, repito o que já mais de uma vez te disse: «logo que precisas de mim, manda-me aí». Se estiveres doente manda-me chamar, que eu para Lisboa imediatamente. Tu sabes que eu cuidava em ti, Caríssimo meu, tu não tens mais ninguém e tu tenho sempre na memória as tuas palavras: «Até agora eu nunca tive nenhuma que te interessasse por mim». Para não me esquecer de ti, eu escrevi essas palavras por detrás ou dos teus retratos, meu Francisco Xavier. E mais uma vez quero que tu saibas quanta consolação me dá tu me escrevendo logo que precisares de mim. Não duvidaste de mim; sabias que para mim podias vir, e tu vieste...»

Agradecendo-te, meu Francisco, de todo o meu coração, o Merhig-Thuen (que te manda mil saudades e que chorou muito quando soube dos teus desgostos) está muito bem. Esteve uns dias em reparação, com uma caixa de esferas partida, mas já está bom outra vez. Agora, com tanta gente aqui

Encontram-se à venda na nossa administração os bilhetes para a festa de «A Batalha»



## QUESTÕES OPERÁRIAS

A imediata constituição duma Caixa de Solidariedade a perseguidos e demitidos seria o mais firme passo, de benéficos resultados, a dar pelo pessoal das oficinas da Companhia Portuguesa

Já se verificou, pela descrição minuciosa feita nas colunas de *A Batalha*, que em mais nenhuma oficina se exerce uma opressão que se assemelhe à que é praticada diariamente nas oficinas de Santa Apolónia.

Essa descrição, que continuará a fazer-se

logo que fecharmos o interregno aberto para tratarmos da questão sob o aspecto

sindical, seria o suficiente, em tempos passados, para o respectivo Sindicato levantar

uma desenvolvida campanha em defesa dos

perseguidos, reagindo até conquistar para

eles dignas condições morais de trabalho.

Simultaneamente, se demonstrou que essas

violências são sistemáticamente exercidas,

pela falta de resistência às mesmas, quer

por parte do organismo sindical, quer pelo

proprio pessoal.

E quando tanta situação dessas provoca

tanto sofrimento, não se concebe o silêncio

que se tem mantido em seu redor. Urge que

lhe seja aplicada a indispensável terapêutica.

E neste caso, o mais rápido remédio é

principiar por salvaguardar a situação

material dos que são atirados abruptamente à

margem.

Esta atitude só por si modificaria em

parte o moral de toda a classe.

Um dos motivos apresentados para

apresentar a ameaça de demissão é

que a solidariedade dos atingidos se

atriga ao sindicato.

É certo que a solidariedade dos atingidos

é sempre a mais forte, mas é também

a mais desorganizada, e é sempre a que

mais facilmente é manipulada.

Por isso, se conseguirmos que a solidariedade

dos atingidos seja organizada e

solidificada, a pressão que se exerce sobre

os atingidos é imediatamente diminuída.

Assim é realmente.

O operariado despedido sente mais os

tempos de solidariedade que a solidariedade

de demissão.

Ante, porém, as condições que lhe foram

criadas, não deve vacilar de forma alguma.

Se por um lado e quando há demissões

ocorre a repressão, também, se a solidariedade

de demissão é sempre a que é mais forte,

é sempre a que é mais duradoura.

Portanto, se conseguirmos que a solidariedade

dos atingidos seja organizada e

solidificada, a pressão que se exerce sobre

os atingidos é imediatamente diminuída.

Assim é realmente.

O operariado despedido sente mais os

tempos de solidariedade que a solidariedade

de demissão.

Portanto, se conseguirmos que a solidariedade

dos atingidos seja organizada e</